

Instrumentos projectivos na compreensão de comportamentos de risco (*)

JOANA COELHO (**)

Diz o ditado que a necessidade faz o engenheiro. Foi um pouco isso que aconteceu com uma das técnicas de dinâmica de grupos que utilizamos nas nossas acções de prevenção e reabilitação de condutores. Para atingirmos os nossos objectivos face aos constrangimentos com que nos deparamos, procurámos metodologias dinâmicas adaptadas ao grupo, eficazes no despoletar da implicação pessoal dos participantes e encontrámos um pouco mais.

Alguns dos constrangimentos do programa de reabilitação de condutores são os de termos pouco tempo para atingir um objectivo ambicioso, de os clientes chegarem até nós por via dum ambiente processual e judicial, e de os grupos serem sempre heterogéneos.

O tempo: Não temos o tempo de um grupo terapêutico (são apenas 14 horas, em dois Sábados), mas temos um objectivo que, diríamos, é parcialmente terapêutico. Terapêutico, porque

se pretende oferecer um espaço de escuta e de devolução do que é escutado, promovendo a auto-análise e a mudança, pretendendo abrir caminho à simbolização e à consciência de si. Parcial, porque se encontra muito circunscrito ao papel de condutor, papel dos múltiplos que qualquer indivíduo assume (tal como, muito adequadamente, o Prof. Amaral Dias pôde conceptualizar junto do nosso grupo de trabalho), e mesmo sabendo nós que esse papel está intrinsecamente ligado a outros do sujeito e à sua respectiva personalidade.

Ambiente processual e judicial: Quanto ao ambiente processual e judicial, pelo qual os condutores passaram antes de chegarem até nós, fá-los esperar, acima de tudo, o julgamento e o castigo. Atitudes defensivas, hostilidade, medo da avaliação e do julgamento são questões frequentes nos cursos, e podem ser motivadas por essa história processual, muito embora quase sempre também se relacionem com características de personalidade dos indivíduos.

A heterogeneidade dos grupos: Embora a grande maioria dos grupos sejam constituídos por homens e o respectivo crime seja o de condução sob influência do álcool, o que há em comum entre os seus elementos é serem condutores infractores. Cada elemento tem as suas necessidades pessoais e, mesmo que todos sejam homens e este-

(*) Comunicação apresentada nas II Jornadas de Psicologia do Tráfego da Prevenção Rodoviária Portuguesa – “Investigação e Intervenção na Realidade Portuguesa”, ISPA, 17 e 18 de Outubro de 2003.

(**) Psicóloga Clínica.

jam nesta acção devido à condução sob influência do álcool, a sua relação com a condução é diferente, a sua relação com o álcool é diferente, inclusive a sua capacidade de compreensão e verbalização dos seus actos é diferente, por vezes mesmo muito diferente.

Além destas necessidades individualizadas há também um grupo, obrigatoriamente diferente da soma linear das suas partes. Um grupo que muitas vezes estabelece uma relação de dependência ou, mais frequentemente, que hostiliza ou desafia o próprio orientador.

Contornar estas dificuldades não perdendo de vista o nosso objectivo que é, essencialmente, promover o processo de simbolização, oferecendo um clima que favoreça o caminho do acto à palavra, não é tarefa fácil e muitas vezes os psicólogos sentem-se perdidos ou confusos com o material que o grupo lhes vai pondo nas mãos.

Era necessário um guia, um fio condutor, um foco que permitisse iluminar as zonas de possível interpretação (e até outras que, embora fiquem fora do campo interpretativo destas acções, podem ser úteis para a nossa compreensão do sujeito) acerca das necessidades dos indivíduos que compõem o grupo, e até sobre o próprio grupo, isto porque o psicólogo tem muito pouco tempo para diagnosticar para dar resposta, sendo um continente transformador dos conteúdos que lhe são entregues.

Ora, como dizíamos, a necessidade faz o engenho, e foi assim que descobrimos que a técnica da *Fotolingua* servia dois propósitos e era útil tanto para os participantes como para o orientador. Depois dum certo “aquecimento”, com apresentações e eventualmente um jogo que abra as portas para um clima diferente. Propomos aos participantes a “fotolingua”.

A *Fotolingua* é uma metodologia largamente utilizada no contexto da dinâmica de grupos. Trata-se de apresentar um conjunto de fotografias (recortes de jornais e revistas), previamente escolhidas pelo orientador da acção, e propor aos participantes que escolham uma imagem que represente um ou mais temas propostos. Seguindo-se comentários sobre as escolhas feitas.

Tem-se revelado uma técnica muito rica e facilmente passamos toda uma manhã à volta do que dela emerge. Habitualmente, propomos alguns ou todos destes 5 temas: sobre o próprio,

sobre conduzir, segurança, risco e sobre as expectativas acerca da própria acção. Em traços gerais, proporciona:

- a) a criação de um clima desprovido de juízos de valor
- b) a criação de um grupo que encontra os seus pontos comuns
- c) o encontro entre o orientador e os participantes através de uma linguagem comum, simultaneamente verbal e não verbal
- d) o emergir das temáticas grupais e tipo de funcionamento do grupo
- e) o emergir de problemáticas pessoais.

Para nós, o potencial da técnica reside no facto de ser essencialmente uma metodologia verdadeiramente psicológica.

Por um lado, é um exercício projectivo em que o indivíduo ao fazer a sua escolha se faz reflectir no espelho da imagem que apresenta. Essa escolha floresce no encontro entre o dentro e o fora, entre a percepção e a projecção.

Por outro lado, é desencadeador do processo de simbolização, logo um auxiliar do nosso trabalho de facilitadores da criação de sentido e de tradutores da acção pela linguagem.

É, enquanto exercício projectivo, que começamos a olhar este instrumento como auxiliar do orientador no sentido de oferecer uma compreensão diagnóstica acerca de cada um dos participantes.

Tratamos a *Fotolingua* como uma ferramenta – e esta será mesmo a palavra certa –, porque não se pretende entendê-la como uma prova projectiva. Não é, nem será nunca, uma prova projectiva, a começar no facto de que não é sempre o mesmo estímulo que é apresentado a diferentes sujeitos. É o psicólogo quem escolhe o estímulo, criando assim uma matriz projectiva marcada pelo seu próprio “conflito estético” (Meltzer, 1988), pela sua capacidade de atribuição simbólica e pelos seus afectos mais ou menos inconscientes.

Quando a tarefa é proposta aos participantes, ela solicita a participação dos afectos – pela necessidade de escolha – e promove o encontro com os afectos do orientador – que foi o primeiro a escolher. Neste encontro vemos um esboço de vínculo, ou antes um momento relacional, um encontro de inconsciente a inconsciente.

Mas olhemos para essas imagens escolhidas como fotogramas de um filme complexo, peque-

nas captações de luz de um todo vasto que é o indivíduo. Escolhemos um exemplo que não é o mais “espectacular”, mas que se aproxima de muitos dos condutores que chegam a nós.

Lourenço, um homem na casa dos cinquenta anos, operário, que desde a situação judicial reduziu substancialmente o seu consumo de álcool habitual, escolhe:

- *para se descrever: uma imagem de convívio (onde nós vemos que todos têm garrafas na mão);*
- *sobre condução: uma imagem de jovens a descarregar um carro junto a barcos de regata (uma imagem discordante que não “joga” consigo, pensamos);*
- *sobre risco: uma garrafa de whisky e três copos encavalitados (sem espaço para o pensamento, o risco está no concreto, na acção, na intoxicação, sem mentalização ou distanciamento possível e... é sempre um copo a mais);*
- *sobre segurança: uma imagem de um terramoto “às vezes a segurança não existe nem em casa” (e ressoa em nós: ‘nem por dentro’, e por isso é preciso fazer um controlo fortíssimo para manter as estruturas intactas, desintoxicadas porque ao mínimo deslize pode tudo ruir).*

De início sentimos que não tínhamos por onde pegar, tudo parecia muito próximo do concreto ou revelando uma falta de recursos internos que não sabíamos onde poderíamos “mexer”. Começámos a levantar as nossas hipóteses diagnósticas: um indivíduo não muito diferenciado, com um perfil alcoólico que faz um genuíno esforço de mudança no sentido de controlar os seus hábitos de consumo, mas cuja nova atitude parece um pouco discordante consigo mesmo e por isso esse controlo é tão grande que pode perder-se de um momento para o outro e deitar tudo a perder. Durante a acção, o orientador da acção (Dr^a Ana Mónica Dias) pôde ir confirmando e interpretando estas hipóteses e podemos ver, pelo que Lourenço escolheu na avaliação da acção, a transformação que se operou dentro dele:

- *uma imagem de um mergulhador que*

prepara a pesca junto ao mar, e diz que pode fazer as coisas com calma e tranquilidade (alguém que pode mergulhar mais no fundo, pescar alimento, fazê-lo sozinho, autónomo, e já sem o fervor do controlo);

- *uma imagem de três pessoas que se cumprimentam entre si (as mãos estão dadas, houve um momento relacional, um vínculo e também um encontro sem garrafas).*

Há muitos exemplos que gostaríamos de partilhar convosco, até porque poderiam enriquecer-nos igualmente com a vossa leitura, com o vosso ponto de vista, e assim chegarmos mais longe. Com certeza, daqui a algum tempo, a nossa equipa também poderá chegar mais longe, na leitura da fotolinguagem, na precisão diagnóstica, na formulação teórica que ela possa ajudar a construir e através de uma investigação estruturada. Por enquanto, do horizonte clínico largo que é a *Fotolinguagem*, apenas podemos tirar esta fotografia.

REFERÊNCIAS

- Meltzer, D. (1988). *The Apprehension of Beauty*. London: Karnac Books.

RESUMO

Discute-se a utilização da metodologia da *Fotolinguagem* como instrumento de compreensão e diagnóstico em grupos de reabilitação de condutores e como metodologia útil tanto para os participantes como para os orientadores.

Palavras-chave: Fotolinguagem, condutores infractores, técnicas de dinâmica de grupo.

ABSTRACT

It is presented the photo-language methodology as used in the context of group rehabilitation of traffic offenders. It is discussed the usefulness of this method as an instrument for the comprehension and diagnostic of drivers as well as in a way of promoting mental insight.

Key words: “Photo-language”, driver offenders, group dynamic techniques.